

OS LOBISOMENS

Comédia Brasileira em três atos
por
Manuel de Araújo Porto Alegre

Dresden, 8 de dezembro de 1862

A cena se passa no Rio de Janeiro, no meado do século XIX.

Declaração

Se alguns dos teatros do Brasil desejar pôr em cena esta comédia, não o poderá fazer sem meu consentimento, ou o dos meus dois procuradores no Rio de Janeiro, os senhores Guilherme Schüch de Capanema e Joaquim Manuel de Macedo.

Dresden, 8 de dezembro de 1862

O Autor

INTERLOCUTORES

JULIANO, moço de 30 anos, casado com d. AMÁLIA.

ALFREDO, de 27 anos, casado com d. JÚLIA.

BERNARDO, pai das duas damas.

DOUTOR ÁLVARO, médico.

TIBÚRCIO, criado de Juliano.

Mascarados dos dois sexos.

A cena se passa no Rio de Janeiro, em 1859

CENÁRIO

PRIMEIRO ATO – Sala magnífica., com janelas no fundo, dando para a rua; portas laterais: a da esquerda serve de ingresso à sala e a da direita a um gabinete que pega com a alcova de d. Amália. Mesa no meio; sofás e um piano.

SEGUNDO ATO – Sala grande, contígua ao salão do teatro. Arcadas envidraçadas no fundo, pelas quais se vêem transparecer o baile e os mascarados. À esquerda, uma porta com reposteiro, que dá entrada ao toucador das damas; no meio, em forma de meia-lua, uma rica mesa com iguarias e dos lados sofás e cadeiras de braços. A entrada é pela esquerda do fundo e não deve ser próxima à mesa.

TERCEIRO ATO – A sala que serviu ao primeiro ato.

PRIMEIRO ATO

Acabada a sinfonia ouvem-se três palmas. Sobe o pano

CENA I

AMÁLIA, com um dominó branco, defronte do espelho em atitude de quem é surpreendida. Tira a máscara; ouve forçar a porta da rua; abre-a repentinamente e corre para a alcova dizendo:

AMÁLIA – O que diria ele se me apanhasse assim?!

CENA II

TIBÚRCIO (*Entrando pela mesma porta*) – Cuidei que estivesse fechada; é bom insistir. Até as portas andam aqui fazendo fígas à gente! Aqui não está ninguém! Quem bateria, pois, estas palmas? O diabo parece que anda nesta casa! (*Ouvem-se novamente as palmas.*) É cá fora. Vamos ver quem é; se não for alma do outro mundo.

CENA III

ALFREDO, JÚLIA e TIBÚRCIO

JÚLIA (*Com um dominó azul*) – Seu amo já veio? A senhora está aí? Responde, depressa.

TIBÚRCIO (*Compassadamente*) – Meu amo já entrou... mas tornou a sair; e a senhora está em casa. Creio que está lendo. Os senhores estão muito bonitos assim!

JÚLIA – Vai chamá-la, que tenho muita pressa.

TIBÚRCIO – Sim, minha senhora. (*À parte*) Esta leva outra vida. Oh! Que vidão!

CENA IV

JÚLIA e ALFREDO

JÚLIA – Nem palavra sobre o nosso intento. Vamos sondar o terreno.

ALFREDO – E como resolvê-la agora sem o necessário? Não há de ir assim...

JÚLIA – Eu sei o que faço. Não seja indiscreto, chiton.

CENA V

AMÁLIA, JÚLIA e ALFREDO

AMÁLIA – Sejam bem-vindos. Como estão bonitos! Bravo! O que é isto?

JÚLIA – A nossa visita é meteórica; é uma aparição.

AMÁLIA – Assim parece; mas é brilhante e bem empregada. Aonde vão a estas horas, ao teatro? Estão dois perfeitos venezianos. (*Suspira.*)

JÚLIA – Viemos do baile do conselheiro. Muita gente e calor de abafar. Está brilhante, animado e com muita novidade, muito luxo e muita alegria. O doutor Almeida, aquele escritor de folhetins, esteve como um foguete de lágrimas: subiu luminoso, cheio de graça e encheu a todos de prazer e admiração. É um tesouro inesgotável, porque é momentoso, fino e decente.

ALFREDO – Não lhe acho a menor graça. Nunca diz uma coisa que faça rir a gente com uma boa gargalhada, com uma destas de tirar a respiração, de tossir e de chorar.

JÚLIA – Lembranças originais; trocadilhos lindíssimos, alusões finíssimas, tudo com um ceticismo de bom gosto. É porque atira setas de flores e epigramas que fazem rir sem malevolência e sofrer com prazer; mas como não há Sol sem eclipse, também lá estava o pesado barão de Itajubá, o famoso arrota-contos. É uma anta batizada.

ALFREDO – Esse é que tem muita graça! Porque as diz de tirar couro e cabelo. Aquela história da criação da mulher é muito engraçada!

AMÁLIA – Já a ouvi, por minha desventura; é uma pilhéria de marinheiro: tem sal de Cabo Verde e cheiro de patacho... O outro é uma dessas almas felizes, dessas boas naturezas, que enchem de um ar festivo e alegre toda a sociedade em que se acha. Quem de mais saliente? Muitos poetas?

JÚLIA – O autor dos *Desenganos*; aquele moço que ouvimos na Arcádia Brasileira e que foi tão aplaudido; e mais um mocinho do norte, que me dizem ser uma maravilha! Já publicou um volume, que amanhã terei, e está imprimindo outro.

ALFREDO – Ninguém lá fazia caso deles; estavam de roda à parte.

JÚLIA – Fazia o dono da casa, que os convidou e que é um magistrado de muito saber; fazia eu e outras senhoras, que nos prezamos de ser senhoras. Cale-se, que isto não é para os seus beijos. Escuta, Amália, vem cá. (*Afastam-se as duas para conversar.*)

ALFREDO – (*Aproximando-se.*) Se é segredo, retiro-me, porque sou discreto.

JÚLIA – É segredo, e de Estado! Retire-se e não seja criança. Se quer imitar o seu modelo, escolhe mal o terreno. Não quero graças.

ALFREDO – (*Enquanto as duas falam.*) É-me preciso ter cem olhos e mil ouvidos, porque esta minha mulher é das Arábias! Ah! se eu lhe pilhasse a cabeça! Mas eu sempre tenho algum talento, porque a pilhei, com a ajuda de meu pai, que é fino! A outra disse que sim e agora diz que não! O que será? Será o plano? Que contos e que artes não estará urdindo a minha cara-metade, que torna a outra tão pensativa? Hesita, temos coisa séria; a minha insiste e pega-lhe nas mãos, bravo! Temos tempo. (*Assenta-se.*) Há de convencer e vencer, já a conheço. Vai fechar-se a sessão secreta, porque há o reboliço da votação. Ainda não; podemos dormir. (*Repotreja-se.*) Se eu fosse poeta, escrevia uma comédia intitulada *Cinco bugias de espermacete*. Cada vela seria um ato. Primeiro: começava a cena pela despedida de três senhoras na porta da sala e aí consumia uma bugia. Fazia-as entrar na sala de novo e aí travarem uma conversa de modas, irem buscar caixas e caixinhas e caminharem até a porta: apaga-se a bugia. Segundo ato; conversa no escuro até chegar a nova luz e desta vez fazia o criado, bem gaiato já se sabe, vir com dois castiçais: discussão sobre figurinos, revolução na biblioteca e despedida. Terceiro ato, no patamar da escada, consumindo a outra vela só na despedida. Quarto: o previdente criado arrancando da algibeira uma nova vela., esta apaga-se com o vento ao abrir-se a porta; descem aos trambolhões e uma cai. Quinto: volta, amanhece o dia. Era chamado à cena.

JÚLIA (*Conversando*) – Então, sim? Não há nada, são escrúpulos de criança.

AMÁLIA – Não sei; temo; não sei o que ele dirá.

JÚLIA – Não diz nada, antes estima; não te hás de arrepender.

ALFREDO – A confissão foi longa, mas creio que não houve contrição.

AMÁLIA – Hei de ver primeiro. Ele me disse que não gosta dessas coisas.

CENA VI

JULIANO *e os mais*

JULIANO – Já sei que passaram agradavelmente o seu tempo e que o vão findar no teatro italiano. Querem hoje respirar em duas atmosferas.

JÚLIA – Mano, venha conosco, vamos ao baile Mascarado, temos um camarote.

JULIANO – A senhora sabe que eu hoje aborreço estes divertimentos e que até nem posso ouvir falar neles. Se não fui à casa do conselheiro, como hei de ir ao teatro?

ALFREDO – Mas no teatro estamos mascarados, somos de outra raça.

JULIANO – Venho cansado da discussão.

JÚLIA – Da sociedade carnavalesca? Que é a única destes dias.

JULIANO – Coisa mais séria, porque todo tempo é bom. Uns o gastam em futilidades e eu em obras meritórias. Aproveitamos estes dias de sueto geral para uma fundação pia; mas o visgo parlamentar pega por todos os lugares. Há uma mania de orar, de retoricar, que é uma praga de futilidades.

ALFREDO – Por isso não vou lá mais; porque se fosse para comer e gozar, bem, mas para discorrer não; e por aqueles senhores, que conhecemos...

JULIANO (*Dando-lhe um beliscão.*) A propósito das camas dos dormitórios, discorreram sobre a eletricidade dos metais e influência desta sobre o sono e os sonhos; brigaram pela definição de sonho; houve uma verdadeira descarga psicológica; até se falou de ginástica e de literatura, sem se lembrarem que às nossas órfãs compete uma outra educação. O major Militão, a propósito de umas barras, ou catres, queria que houvesse, no colégio das meninas, uma sala de armas!

ALFREDO – Para as meninas? É muito esquisitão! Florete, pistola, espada, espadão? Ou jogo do pau? Sala de beliscões?

JULIANO – Dizia ele que sendo pobres e destinadas a servir, deveriam estar em estado de defender a casa de seus amos em caso de perigo, ou a si próprias quando saíssem à rua fora de horas. Houve gargalhada velha. O doutor Couto quer uma escola de música vocal, ensino de coros, porque diz ele que será bonito e novo o ver-se as que forem lavadeiras, ensaboarem, esfregarem, baterem a roupa a compasso e que sei eu! Até disse que as cozinheiras poderiam adoçar destarte a monotonia das pancadas do facão. Falou-se muito e divagou-se pelo infinito das frioleiras. Estou cansado e quero repousar esta alma como que alfinetada por tantos pontinhos.

JÚLIA – E dizem os homens que as mulheres é que falam muito! Então, adeus.

JULIANO – Querem alguma coisa para fora? Porque parto.

JÚLIA – Boa viagem, passe bem. Adeus, mana, boa noite. Hei de vir contar-te o que por lá vimos. Dizem que a festa há de ser esplêndida. Vamos ver o que há em outros teatros e passaremos por aqui, talvez...

ALFREDO (*Na porta*) – *Féerique!* Iluminação a *giorno*, pancadaria dobrada, danças novas, trajes de Paris e a nata de toda a corte. (*Vai-se*) Flores de Santa Catarina, doces da Bahia, sorvetes da Carceller e pinturas do Tagliabue e a banda do Avelar.

AMÁLIA (*Na porta*) – Venham amanhã, venham amanhã jantar comigo, não se esqueçam. Adeus, adeus.

CENA VII

TIBÚRCIO

TIBÚRCIO (*Olhando para as paredes*) – Vamos a apagar isto. Hoje foi dia de grande movimentação; mas estão baldadas todas as minhas esperanças de ir dançar no baile com a gente graúda. Já vi, fico de plantão. O cavalo já está pronto e temos passeio misterioso. Aquele brejeiro daquele pajem é quem leva a boa vida; dorme até o meio-dia e janta do melhor, quando o há; porque os víveres vão agora escasseando nesta casa e não sei por quê. Este meu amo é boa pessoa, mas há dias em que anda assim com uma cara de defunto desenterrado! Ele hoje entrou e saiu; veio a francesa; veio o francês; veio mais outro diabo; depois entrou aquela bela mulatinha, com aquela caixa tão bonita como ela e que não sei o que tem. É coisa leve; já lhe tomei o peso; há de ser algum vestido para a senhora. É bom que assim seja, porque ela anda sempre tão triste. Ainda os não vi brigar, nem na mesa ouvi uma palavra assim mais forte! E no entanto há alguma coisa entre eles. Eu creio que ela anda meia assombrada como eu. Quando aquele maldito ponteiro vai chegando à meia-noite, sinto logo as carnes arrepiadas. Não ouvem? (*Os quadros da sala movem-se.*) Santo breve da marea; vou-me já entaipar no meu quarto, a suar como um jumento de carroça. Já estou tremendo! (*Deixa uma vela*).

CENA VIII

JULIANO, *falando alto*

JULIANO – Ai, ai! São os sinais precursores da hora fatal! Quando acabará isto? Parece-me que ainda está longe o dia da minha liberdade. Ah! se

fosse hoje; se eu encontrasse uma mão benéfica que me quebrasse para sempre este encanto terrível, esta dura expiação por um crime que não é meu, mas que devo pagar sem remissão! Minha pobre mulher! Anjo de candura, vitimado por um destino oculto, por uma lei misteriosa, vim apenas como o cândido cordeiro que geme sobre o altar, sem repelir a morte. Ah! mas o tempo virá em que ambos deslizaremos estações de venturas, dias infáveis e horas de paraíso. (*À parte e em meia voz*) E ela está aí, veio ouvir-me... Coitadinha, quer-me tanto e é tão meiga e tão paciente! Eu é que sou um diabrete, um... (*Alto, para que Amália o ouça*). Vai chegando a hora fatal! Aquele ponteiro, semelhante ao dedo de um fantasma iníquo, já me está apontando o lugar do meu suplício... Mas eu quero dizer-lhe um adeus, eu quero...

CENA IX

AMÁLIA e JULIANO

AMÁLIA (*Entra com uma vela, olha algum tempo para Juliano e senta-se ao pé dele. Pausa*) – Vinha ver se estava aqui o meu livro... Que tens, que estás tão triste? Se desejas, eu tenho ali na sacada aquela planta mágica que me trouxeste e que te dá repouso, que te aplaca e te faz dormir. Já plantei mais dois pés.

JULIANO – Hoje não pode ser: as estrelas, o ar e um não sei quê dentro mo estão dizendo. Sinto em mim, não uma mão de ferro, uma cadeia, mas como um vento impetuoso, como uma onda que me arrebatava e me atira para esse deserto d’alma, para esse mundo animal, em que perco tudo e até a forma humana! Já estou sentindo aquela tristeza mortal, aquele abatimento, que me leva a uma letargia, a um frio, ao estado de morte, e que de repente passa ao furor e ao não sei quê, porque depois nada sinto! Ai, ai! mas o dia está breve, o dia da minha redenção. (*Amália chora*) Não chores, meu amor, porque não sou eu o único desgraçado assim condenado. Pressinto que isto vai findar-se.

AMÁLIA – Por muitas vezes devorei este segredo entre as agonias de todas as suspeitas! Parecia-me incrível; pensei mesmo, e deves perdoar-me, que era um meio para encobrir algum crime oculto...

JULIANO – Crime! Eu criminoso, minha filha! Pois tu não vês a minha vida? O crime, por encoberto que seja, é como as cinzas de um vulcão: queima.

AMÁLIA – Não disse bem; mas uma argúcia, inventada para iludir a minha credulidade; porque tu sabes, Juliano, que amor, quanto maior, mais crédulo.

JULIANO – O tempo que rasga o véu de todos os mistérios, que decifra todos os enigmas, há de esclarecer esta triste verdade do meu fado.

AMÁLIA – Hoje estou persuadida da verdade. Procurei esclarecer-me e fiz o que devia...

JULIANO – Como?!

AMÁLIA – Há dias, confesso tudo, e foi no começo da semana passada, creio eu, assim como quem não quer nada, comecei a falar com o nosso médico, o doutor Albano, sobre coisas extraordinárias, sobre o mau-olhado, quebranto, feitiços, e vim a cair neste ponto, tendo ar de duvidar de tudo; porém ele, que é homem sério e instruído, tirou-me de todas as dúvidas com um discurso muito longo e até fez mais do que eu esperava...

JULIANO – Já sei que não acreditas em mim, no teu maior amigo.

AMÁLIA – Espera. É bom duvidar; porque a crença depois da dúvida é forte e fica como a fé.

JULIANO – E ele o que é que disse? (*À parte*) Bate-me o coração, apesar de tudo.

AMÁLIA – Não te comovas, tranquiliza-te.

JULIANO – A minha comoção é outra; por esse lado estou forte, mas não calmo. Mas enfim, o que te disse o nosso velho amigo?

AMÁLIA – Trouxe-me uns livros de ciências ocultas, aonde bebi todas as convicções da realidade, desta triste realidade! Decorei todos os meios apontados, orei, fiz promessas, armei-me de coragem e quis eu mesma ferir-te, ser a tua salvadora e a que te quebrasse o encanto; mas, ao chegar da hora, tremi porque tive medo de falhar o golpe e em vez de te salvar, morrer às tuas iras e deixar-te desgraçado.

JULIANO – Fizeste bem. Considera o meu estado, quando ao despertar do encanto, encontrasse o teu cadáver ensangüentado, esquartejado e estraçalhado?! O caçador que erra o tiro no leão não dá mais um passo, porque é logo um cadáver. A pata é veloz.

AMÁLIA – Dize-me, fala, não eras tu mesmo aquele animal escuro, que andou rodeando a casa e uivando no jardim antes de ontem?

JULIANO – Não sei se o era, porque quando fico assim perco a razão: sou um lobo, um furioso animal, um bruto sem razão que não conhece nada! Só sinto fúrias e vontade de morder e espicaçar quanto vivente encontro! E é por isso que agora monto a cavalo e vou para longe, para os lugares silvestres e solitários... Lá para os matos.

AMÁLIA – E o seu pajem não vê isso?

JULIANO – Não; porque ao chegar na estalagem do Andaraí, dou-lhe em aguardente um poderoso narcótico, com o qual ele dorme um sono de pedra até que eu o venha acordar com três gotas d'água fria e umas rezas. E

como não há mal que não traga um bem, sabe que afugentei todos os quilombolas daqueles matos e esconderijos.

AMÁLIA – De certo, que os coitadinhos hão de ter medo.

JULIANO – Como que me lembra, como que sonhei, que há dias despedacei um que fugia, subindo a marmita da Tijuca. Lá no alto da pedra, bem no cabeça do pico, filei-lhe os dentes e de lá rolei com ele por todos os precipícios até que acordei em baixo, todo banhado de sangue e de suor. Sei que é triste este meu fadário assim como sei que se há de acabar em breve. Ninguém me pode matar, mas poder-me-á cortar ou aleijar alguma perna ou braço. São poucos os homens verdadeiramente animosos que se podem arriscar a tanto.

AMÁLIA – Sei de tudo, porque tudo isso eu li nos livros que me trouxe o nosso amigo.

JULIANO (*À parte*) – Aquele Albano é um barra; hei de abraçá-lo. (*Para Amália*) Ah! são cruéis essas horas da licantropia, vê-se nelas uma eternidade!

AMÁLIA – Com esse mesmo nome deu-me ele um livro francês e bem antigo.

JULIANO (*À parte*) – Hei de pagar-lhe do verdadeiro *Clicquot de la veuve*; do fino.

AMÁLIA – Eu li aí e nos outros livros muitos casos! O fato de um desgraçado agarrado em Pádua, a quem cortaram as patas e no mesmo momento se transformou num homem maneta de mãos e pés! Isto foi o que me fez mais medo e o que me faz ainda. Aquele outro caso da mulher de um fidalgo no Auvergne, em França, que atacou o marido em uma caçada e este cortou-lhe uma pata, pondo-a no saco; e qual não foi o seu espanto, no dia seguinte, quando viu que era uma mão de mulher tão alva e tão mimosa e não a pata de um lobo! E mais ainda redobrou de horror ao ver num dos dedos um anel de ouro e nele escrito o seu nome e o de sua própria mulher! Era o anel nupcial! Vendo naquele dia que ela escondia sempre as mãos, avançou-se para ela, reconheceu-a maneta e, louco e irado, a entregou aos tribunais, que a condenaram a morrer queimada! Coitadinha...

JULIANO – Tu bem vês, meu amor, que a mulher também não está isenta deste meu mau fado.

AMÁLIA – Todo o livro de Nynauld é interessante; assim como a obra de Chavincourt, está cheia destes fatos; mas o que é mais sério é o tratado do Prior de Laval! Aí vi mais mulheres.

JULIANO – Uma vez encontrei uma delas, branca como a neve, linda como um galgo!

AMÁLIA – Aonde? E o que fizeste? Era bonita esse demônio? O que fazia ao pé de ti?

JULIANO – Fugia...As desgraçadas só têm furores. Parece que és ciumenta?! Por isso algumas vezes me ocultavas os livros que então lias! Lembra-me que te vi chorar, muitas vezes, mas pensei que era fruto de algum romance.

AMÁLIA – Como não chorar diante de um espelho que me refletia a tua e a minha desventura? O céu é injusto fazendo pagar o filho inocente pelo pai culpado. Perguntei a ele por que nos primeiros tempos de casado não sofreste deste mal e só depois de um ano.

JULIANO – Por quê? Também não o sei. Há de haver aí alguma lei misteriosa em função do casamento e da mulher. Mas o tempo está a findar. Espera, e tem fé. As vezes penso no suicídio, mas lembro-me de ti e da eternidade e digo a mim mesmo o que te estou dizendo: espera, e tem fé.

AMÁLIA – Não fales nisso. A vida é um dom de Deus e quebrá-la é um crime.

JULIANO – Sei disso, está na minha fé, na minha esperança e no meu amor.

AMÁLIA – E logo hoje, em que estava assim meia satisfeita; mas o coração engana as vezes.

JULIANO – Por quê? Por que estavas meia satisfeita somente?

AMÁLIA – Porque pensei que ias ao teatro e que me levarias a um grande baile Mascarado que reúne todas essas sociedades carnavalescas.

JULIANO – Que lembrança! Antes assim fosse. Ai! Iria de bom gosto, de muito bom grado! Mas quando... (*Olha para o relógio*) Quando se tem diante de si uma triste lembrança; quando se sente dentro e fora do corpo uma força invisível que nos arranca do chão e de nós mesmos e nos prende às torturas de um martírio, de uma coisa sem igual na terra, ah! Como pensar se pode em tão risonhas frioleiras? E de que maneira te veio isto à cabeça?

AMÁLIA – Pensei, e não sei como. A solidão é criadora de tantas ilusões...

JULIANO – A solidão é o campo das magnas criações e o centro donde partem os dois caminhos do bem e do mal. A solidão, para que não engendre a ociosidade, combate-se com o trabalho, porque o trabalho é produtor e povoa todos os ermos e desertos.

AMÁLIA – Por isso não é bom estar só, e menos ainda sem fazer nada. Os pobres são mais felizes porque têm obrigação no trabalho e nele o seu bem estar. Antes eu fosse pobre; antes fôssemos pobres, mas queridos do céu e ricos de alegria.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

